

# Lobo dá nomes de militares tortu

Jorge Antonio Barros

Pela primeira vez um oficial da Reserva do Exército, o ex-tenente-médico e psicanalista Amílcar Lobo — durante quatro anos ele assistiu presos políticos torturados no quartel da PE — aponta nomes de militares que encabeçavam a tortura no período em que (segundo o médico) o ex-deputado Rubens Paiva foi morto em cela do Doi-Codi, em janeiro de 1971: o então comandante da PE, coronel Nei Fernandes Antunes; o capitão Leão, que era chefe do serviço reservado da PE; o tenente Avólio Filho; e o capitão Gomes Carneiro.

Esses nomes são do conhecimento da Superintendência de Polícia Federal do Rio, que os mantém em sigilo, enquanto Amílcar Lobo, até semana passada, garantia não se recordar do nome de nenhum torturador, cuja maioria era formada por "sádicos movidos pelo prazer" de exercer a função. Em processo que classifica de catarse, o ex-psicanalista admite ter sido conivente com a tortura, mas reafirma que não "mantinha silêncio total" sobre suas atividades do Exército:

— Toda a sociedade, não só a psicanalítica do Rio de Janeiro, (SPRJ), acabou com intenso sentimento de culpa por ter sido, de certo modo, conivente com a repressão. Não podem me colocar como o único Cristo — afirma Amílcar Lobo, que trocou a psicanálise por uma plantação de bananas e foi o primeiro a iniciar o processo no qual acredita que virá a libertação de sua culpa; contar tudo o que viu no período mais duro da repressão política no país, entre 1970 e 1974.

## Outro médico

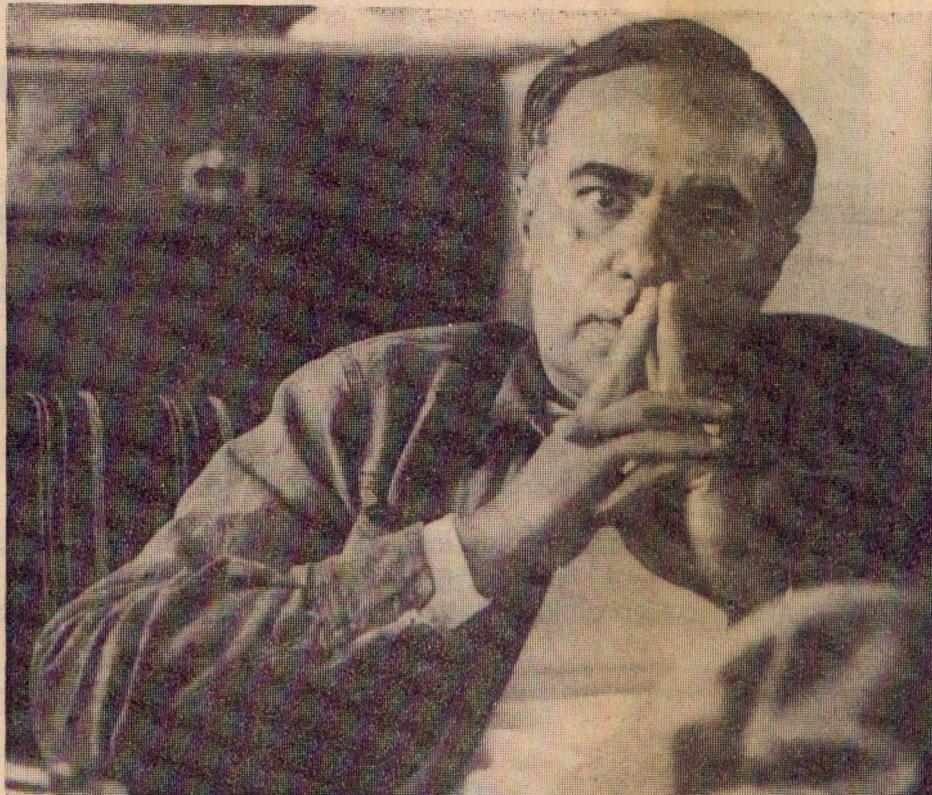
Convocado pelo serviço militar — que deixou de fazer aos 18 anos — após concluir a Faculdade de Medicina, em 1969, Amílcar conta que começou estágio de instrução no Forte de Copacabana, em janeiro de 70. Três meses depois foi designado para o 1º Batalhão da Polícia do Exército, na Rua Barão de Mesquita, na Tijuca, onde tinha como colegas os tenentes-médicos Ricardo Agnese Fayad e outro que indentifica apenas como Gonçalves.

Lobo diz não se recordar muito de Gonçalves, mas a respeito do dr. Fayad — como era chamado e hoje lembrado por ex-presos políticos — não tem dúvida: "O Fayad era de direita e se dizia mesmo favorável à tortura", acusa Lobo, lembrando, ainda, que ambos foram os únicos médicos militares a tratar de presos políticos no cárcere clandestino de Petrópolis, a conhecida Casa da Morte, onde — revela Lobo — "atuavam oficiais do CIE (Centro de Informações do Exército)".

Daquele especializado centro de torturas, era raro o retorno de presos políticos ("ali só entravam; não saíam vivos", conta Amílcar). Uma das poucas exceções foi a ex-presa política Inês Etiene Romeu, que por lá passou em 1971 e, dez anos depois, com outros ex-presos, reconheceu e denunciou publicamente o psicanalista Amílcar Lobo como integrante da equipe de torturas da Polícia do Exército. Era o terceiro ano de abertura política no país (1981), e o fato gerou polêmica a partir da sugestão de revanchismo, levantada principalmente pela comunidade de informações.

Lobo nega ter participado de torturas, mas confirma ter ido cinco vezes à Casa da Morte, para tratar de Inês. O psicanalista conta que seu ex-colega Ricardo Agnese Fayad esteve no cárcere clandestino "três ou quatro vezes". A primeira vez em que Lobo esteve lá foi encapuzado. O major-médico Ricardo Agnese Fayad, 46, serve hoje no Hospital Central do Exército (HCE), pela manhã, e à tarde trabalha como pediatra em consultório abarrotado de pacientes, na Tijuca.

— Eu me reservo o direito de ficar calado; não tenho nada a declarar sobre o assunto — disse o major-médico Fayad, que recebeu educadamente o repórter, frisando não querer "cercear o trabalho da imprensa". Indagado sobre o motivo do silêncio, Fayad justificou-se: "Como você, também tenho um chefe, há



Lobo não quer ser "o Cristo" e diz que toda a sociedade foi co

uma hierarquia e não posso falar." Ao contrário de Amílcar Lobo, que tem o nome no listão de 444 torturadores no projeto **Brasil Nunca Mais**, o dr. Fayad só tem seu nome incluído na lista publicada pelo **Em Tempo**, jornal alternativo, onde consta como "dr. Fayard".

— Por que até hoje os ex-presos políticos não procuraram o dr. Fayad, como fizeram comigo, em 81? — diz Lobo, ressentido com a situação gerada na época: "Fiquei isolado entre a sociedade, o Exército e a esquerda." Da sociedade, teve a repulsa; de setores da esquerda, a certeza de que Lobo era de confiança do esquema repressivo; e de setores militares, dois atentados em 82 que Lobo suspeita ter sido "coisa do SNI".

## Caso Rubens Paiva

Desde que começou a falar à imprensa — "em parte", ela acabou se tornando seu divã —, Lobo é reconhecido nas ruas e diz ter recebido três manifestações de apoio de populares, numa só caminhada pela Avenida Atlântica, em Copacabana: "O senhor não é o dr. Lobo, do caso Rubens Paiva? É isso aí. Continue falando, vamos em frente" — foi uma das manifestações recebidas por Lobo, após denunciar ter atendido, em janeiro de 71, o ex-deputado Rubens Paiva, agonizante numa cela do DOI-CODI, no quartel da Polícia do Exército, na Barão de Mesquita.

Em depoimento reservado, na Polícia Federal, dia 8, Lobo diz ter revelado os seguintes nomes de militares que torturavam presos políticos e ocupavam cargos de chefia na Polícia do Exército, na época em que viu Rubens Paiva, moribundo, "uma equimose só e roxo da raiz dos cabelos à ponta dos pés": o então comandante da PE, Nei Fernandes Antunes; o chefe da 2ª Seção da PE, capitão Leão; o comandante do PIC (Pelotão de Investigação Criminal), tenente Avólio; e o capitão Gomes Carneiro, que, segundo Lobo, era um dos mais violentos torturadores do DOI-CODI, cuja sede funcionava em prédio ao lado do PIC, no quartel da PE.

Amílcar Lobo ressalva que não viu ninguém torturar

Rubens Paiva, pois diz ter sido a madrugada, provavelmente Lobo acredita ter sido iniciada por Paiva. Amílcar observou a tortura na PE certamente não falou: "É só saber que plantão daquele dia", sugere

O ex-segundo-tenente-médico Lobo afirma que só soube da morte de Paiva à madrugada em que viu o ex-deputado sugerido que o levassem a um hospital. Lobo garante não saber o que ocorreu com o ex-parlamentar foi enterrado no Cemitério de Santos, em construção na época.

— No quartel, eu ouvia os presos políticos mortos sob tortura para a Rio-Santos caminhões. Às vezes passavam algum tempo fora do quartel, de depoimento na Polícia Federal. O coronel Homem de Carvalho, o coronel Nei Fernandes Antunes e o capitão Lobo ressalva não ter presenciado nenhuma sessão de torturas.

## Torturadores

Em quatro anos de serviço, Lobo testemunhou o funcionamento da polícia, a sofisticação do esquema de quartéis e cárceres privados. Foi a simulação de fuzilamento que ele viu, e conta também sobre o uso de gás para uso na repressão.

Quando assumiu o serviço em março de 1970, com matrícula de Reserva, médico R/2, assessor de saúde, "chefe da formação sanitária

# Torturadores do Doi-Codi

Foto de Olavo Rufino



conivente com repressão

...r sido chamado para atendê-lo durante...  
...ente após longa sessão de torturas, que...  
...nunciada "na Aeronáutica", por onde...  
...observa, contudo, que os chefes da...  
...mente conhecem o destino do ex-...  
...qual era a equipe de torturadores no...  
...gere Lobo.

...te-médico da Polícia do Exército lem-...  
...de Rubens Paiva na manhã seguinte...  
...o ex-deputado sozinho, quando diz ter...  
...a um hospital. Daí em diante, Lobo...  
...ocorreu com Paiva, mas hoje aposta...  
...enterrado às margens da rodovia Rio-...  
...a época:

...ouvia falar que enterravam lá muitos...  
...b tortura. Da PE, quase sempre saíam...  
...hões de acampamentos militares que...  
...fora — denuncia Lobo. Em seu...  
...Federal, o médico citou também o...  
...valho — que substituiu o tenente-...  
...ntunes no comando da PE —, embora...  
...senciado Homem de Carvalho partici-

## Torturadores e marginais

...serviço militar, o ex-tenente-médico...  
...mento do aparelho da repressão políti-...  
...ema de torturas e interrogatórios nos...  
...os. Fala de torturas psicológicas, como...  
...nto que pelo menos uma vez se tornou...  
...re o roubo de carros, pelo DOI-CODI,

...serviço na Polícia do Exército, em 25 de...  
...rícula 1G-805.367-A, o então aspirante...  
...2, assumiu oficial e inocente função:...  
...tária regimental", como registra ofício

assinado pelo então comandante do Batalhão Marechal Zenóbio da Costa (1º BPE), José Nei Fernandes Antunes, tenente-coronel citado na lista de torturadores do projeto **Brasil Nunca Mais**.

Ao lembrar de nomes como o do capitão Gomes Carneiro, do coronel Nei Antunes e do agente civil Luís Timóteo de Lima — o Timóteo — como sendo torturadores, Amílcar Lobo ratifica a denúncia incansável de ex-torturados e entidades de direitos humanos que há pelo menos uma década confidencia aqueles nomes. O jornalista e ex-preso político Álvaro Caldas, em seu livro **Tirando o Capuz**, denuncia seis dos nomes citados ou confirmados por Amílcar Lobo (também denunciados por Álvaro): coronel Nei Antunes, capitães Leão e Gomes Carneiro, tenentes Correia Lima e Avólio, além do Timóteo.

— Era uma coisa doida, muito doida mesmo. Uma vez, no pátio da PE, a céu aberto, vi um médico tomar um tapa na cara que nunca mais esqueci — recorda Amílcar Lobo, lembrando que em 70 tortura "era uma coaberta entre os militares". Sem a preocupação de serem denunciados, contra Lobo, os torturadores "extrapolavam e muito" suas funções em interrogatórios e, a partir de 1972, foi oficializado o uso de capuz — sujo e mal cheiroso — pelo torturado.

Lobo diz que foi surpreendente ver a tortura instituída, inicialmente, sem o menor receio de sigilo, a ponto de o próprio comandante da PE, na época, coronel Nei Fernandes Antunes, alertar Lobo, certa vez, pelo alto-falante do quartel: "Dr. Lobo, não leve presos para a enfermaria; atenda-os nas celas." Como militar, o então tenente-médico cumpria rigorosamente as ordens e circulava facilmente pelo presídio do PIC, onde a determinação — nem sempre cumprida pelos militares — era para que entrassem somente à paisana.

No atendimento a presos políticos torturados, Lobo nega ter servido para reanimá-los para nova sessão de interrogatório — sob espancamento, choques elétricos, pau-de-arara, afogamentos e até mesmo torturas psicológicas com o uso de uma cobra, um jacaré e dois dobermanns —, lembrando Lobo que hoje tem em casa um fila chamado Tigre. Amílcar desmente também ter ocorrido a prática de torturas sexuais — que têm no **Brasil Nunca Mais** um tópico destinado especialmente ao tema, em que as mulheres foram as maiores vítimas.

— O que ocorreu muito foi choque elétrico nos órgãos genitais, tanto de homens como de mulheres — conta Amílcar Lobo, que, além da "certeza de impunidade", via também componentes de sadismo entre torturadores como o capitão Gomes Carneiro, o capitão Leão, o coronel Nei Antunes e o agente Timóteo:

— Uma ocasião, o coronel Nei Antunes recebeu a pauladas uns rapazes presos pelo PIC, que não tinham nada a ver com subversão. Foram encontrados com armas do Exército, e um deles, um senhor, apanhou muito do coronel. Eles só se defendiam com as mãos e gritavam muito — lembra Lobo. Do capitão Leão, que chefiava o serviço reservado da PE, a maior recordação é de um hábito que o oficial mantinha após as sessões de tortura: lavar bem as mãos. Com álcool.

Mesmo com a construção de outro presídio, junto ao prédio do DOI-CODI — em 1972 — Lobo conta que o presídio do PIC, onde ele atuava, continuou sendo o local de maior violência, até que a repressão política teve rompida a tenebrosa linha que separa a polícia do crime. Segundo Lobo, o capitão Leão foi envolvido no roubo de contrabando apreendido pela PE e no sumiço de 600 mil dólares cubanos recolhidos com militantes de organizações de esquerda.

— Um sargento, de cujo nome não lembro, também acabou roubando carros para si, depois de participar do roubo de veículos, a serviço do DOI-CODI. Esses carros eram roubados através da lista de seguros, as placas eram trocadas por placas friíssimas, mas registradas no Detran como pertencendo a órgãos de segurança — relata Amílcar Lobo.

"Só a fala pode curar a culpa da sociedade"

# EDIÇÃO

## SEM GARANTIAS

Depois de passar semanas anunciando punições rigorosas para os pecuaristas que escondem o boi para fazer especulação, o governo recua e opta pela negociação, concedendo aos produtores um preço maior, obtido graças à isenção do ICM. Os pecuaristas, no entanto, ainda não estão satisfeitos e não vão normalizar o abate antes do fim do ano.

## FESTA DO IMPORTADO

Quando abrir suas portas, na próxima sexta-feira, o Salão do Automóvel não terá veículos nacionais de série. Os fabricantes reclamam de prejuízos pela defasagem de preços, e preferiram conter despesas desistindo do evento que mostrará por iniciativa do organizador Caio de Alcântara Machado, apenas carros importados e nacionais especiais.

## BOCA NO TROMBONE

O maestro paulista Julio Medaglia, regente da Sinfônica Municipal, foi um dos responsáveis pelo sucesso das músicas dos antigos festivais da Recorde da fase do tropicalismo. Hoje, ele afirma que a música popular brasileira deixou de ser instigante e provocar idéias, transformando-se num "mar de boleros" e em meio às suas queixas, não poupa críticas a Caetano Veloso, Gilberto Gil e Rita Lee.

## a culpa da sociedade"

— Falar é a única maneira de a sociedade se livrar de sua culpa — sentencia o psicanalista Amílcar Lobo que faz hoje, em público, o que fizeram dezenas de seus clientes, entre os quais uma mulher que pertencia a organização de esquerda: contar seu passado. Lobo, 47, diz que nem sequer recebeu de colegas ou do próprio analista, Leão Cabernite, interpretações psicanalíticas acerca da situação que viveu como médico de uma equipe de torturas, entre os torturadores e os torturados.

Ele alega que "toda a Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), da qual foi desligado em 1980, sabia de seu envolvimento com a tortura, a serviço do 1º Batalhão da Polícia do Exército". "Eu comentava com colegas, em grupos de estudo, esperava uma reação, mas não havia; nem mesmo quando contei que o sobrinho de um colega havia sido morto pela repressão", lembra Lobo, sem citar nomes "Houve uma omissão coletiva".

O ex-psicanalista acha extremamente válida a polêmica em torno da **Psicanálise da Tortura** — publicada no **Caderno B**, nas últimas duas semanas — mas desmente declaração do psicanalista Ernesto La Porta, que disse jamais ter recebido Lobo como aluno. Lobo, entretanto, mostra diploma de especialização em psicoterapia de grupo, assinado pelo professor organizador do curso, Ernesto La Porta, em 30 de novembro de 1973.

Ele nega, ainda, de modo veemente, ter feito qualquer ameaça à psicanalista Helena Besserman Viana, que o teria denunciado como torturador, em nota no rodapé do jornal clandestino **A Voz Operária**. "Essa psicanalista vai ter de provar, inclusive, que eu a conheço; como vem dizer que eu coloquei o pé na frente dela?", indaga Lobo, ameaçando mover ação contra Helena, por calúnia e difamação.

## Quem é quem

● **José Ney Fernandes Antunes** — Comandante do 1º Batalhão da Polícia do Exército, do final de 1968 até março de 1971, quando foi substituído por Homem de Carvalho. Passou para a reserva em 1972. O Comando Militar do Leste informou à Polícia Federal que Antunes já está morto.

● **Gomes Carneiro** — João Câmara Gomes Carneiro, Capitão da Polícia do Exército em Minas Gerais, na década de 70. Designado para servir ao DOI-CODI do I Exército — hoje Comando Militar do Leste — no Rio. Seu nome consta da lista do projeto **Brasil Nunca Mais**. Está na reserva.

● **Armando Avólio Filho** — Foi comandante do Pelotão de Investigações Criminais (PIC) da Polícia do Exército, no Rio, como primeiro-tenente, a partir de agosto de 1970. Da arma de Infantaria, é hoje Tenente-Coronel de serviço em Goiânia (GO), com 41 anos.

● **Luiz Mário Vale Correia Lima** — Tenente Vale ou Correia Lima, de 25 de agosto de 68 a 25 de agosto de 70. Foi promovido a Major em 80. Serviu no DOI-CODI (RJ) e recebeu medalha do Pacificador com palma — distinção aos civis e militares que combateram a subversão.

● **Ricardo Agnese Fayad** — Com 46 anos, é major médico do Hospital Central do Exército. O único a receber medalha do Pacificador, numa lista de 16 médicos que ingressaram no Exército em 24 de outubro de 1969.

● **Luís Timóteo de Lima** — Policial civil, serviu no DOPS e no DOI-CODI (RJ). Nos últimos anos, trabalhou como agente de segurança na Assembléia Legislativa e na Câmara dos Vereadores. Atualmente é chefe de segurança da Mesbla, do Passeio, onde procurado pelo JB negou ter sido torturador: "Era um outro, no mínimo um homônimo", alegou Timóteo que já foi reconhecido na loja por ex-presos políticos.



## EM MODA

gastando mais em roupa. Esse fato se o Brasil que têm como carro-chefe a Fiorucci desde 1976, quando abriu no país a coleção do estilista italiano, brasileira.

## BANCAS